

Vida Futura

Desde os mais antigos tempos da humanidade no nosso planeta, duas perguntas habitam a mente do homem: de onde viemos e para onde vamos?

Mesmo os povos mais primitivos, que tinham ideias ainda muito vagas sobre a divindade, traziam consigo essas indagações. Basta observarmos que eles tinham rituais relacionados ao nascimento e à morte de seus indivíduos.

Muitas pessoas não dão importância à pergunta "De onde viemos?" Não se importam com o que tenham sido no passado. Para elas basta o fato de que estão aqui hoje.

Mas quando falamos sobre "Para onde vamos?" a pergunta é muito intrigante, mesmo para essas pessoas que não se preocupam com o passado.

Medos, dúvidas, descrença, incertezas e incredulidade, são pensamentos e sentimentos que o ser humano traz no íntimo com relação à vida após a morte.

O tema *Vida Futura* é muito amplo. Poderíamos ficar aqui por horas a fio falando sobre diversos aspectos do tema. Como nosso tempo é limitado, vamos apresentar algumas reflexões em torno do assunto, claro que, do ponto de vista da Doutrina Espírita.

Antes de adentrarmos no assunto, há alguns pontos que precisam ser colocados.

1. Tudo o que vamos falar aqui hoje só fará sentido se acreditamos verdadeiramente na existência de Deus e entendemos que Ele é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e

bom. Sem esse entendimento de Deus, muitas das coisas que falaremos aqui hoje podem não fazer sentido.

2. Fé raciocinada. E o que é fé raciocinada? Kardec nos dá a definição na primeira página de O Evangelho Segundo o Espiritismo:

Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.

A fé da qual o Espiritismo nos fala é aquela que pode ser confrontada com a razão sem cair em contradição ou sem ter como sustentar seus princípios. A fé raciocinada só é possível porque a Doutrina Espírita tem como pilares a Ciência, a Filosofia e a Religião.

Muitas religiões veem a Ciência como um adversário; o Espiritismo a vê como uma grande aliada porque sabe que Deus, em Sua infinita Sabedoria e Perfeição, criou e rege todas as coisas, incluindo as leis da Física, da Química, da Biologia e de todas as ciências conhecidas e desconhecidas por nós.

O espírita deve crer naquilo que foi submetido ao crivo da razão; naquilo que é lógico, plausível, racional. O espírita não coloca sua fé nas coisas místicas, sobrenaturais ou fantasiosas.

3. Ao longo do nosso estudo, vamos confrontar alguns princípios defendidos por outras religiões.

Porém, nosso objetivo não é criticar estas religiões. Todas elas são de inestimável valor para o progresso espiritual da humanidade.

A questão é que, com a fé raciocinada e a certeza de que Deus é um Pai soberanamente Justo e Bom, precisamos analisar com olhos críticos certos pontos de vista defendidos por outras escolas religiosas. Mas o único objetivo desta crítica é mostrar a clareza e a lógica da Doutrina Espírita com relação à vida futura.

Posto isso, vamos ao nosso estudo.

A Doutrina Espírita é uma das inúmeras Doutrinas Espiritualistas que existem.

E o que é uma Doutrina Espiritualista? É aquela que define a alma como um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte.

A grande maioria das religiões se enquadra nessa linha de pensamento e há uma ideia em comum entre todas elas: é que a felicidade ou infelicidade da alma na vida além-túmulo depende diretamente da maneira como aquela alma conduziu sua vida aqui na Terra.

Uma das consequências naturais dessa crença é o conceito de céu e inferno. Nós vamos discutir isso um pouco mais adiante.

Embora o Espiritismo seja uma Doutrina Espiritualista, há enormes diferenças entre o que prega a maioria das crenças espiritualistas e aquilo que a Doutrina Espírita nos ensina com relação ao passado, presente e futuro da alma.

Um dos pontos divergentes diz respeito à liberdade de escolha do homem. Por exemplo: a Doutrina Calvinista e as igrejas que derivaram dela, tais como a Presbiteriana e as Igrejas Batistas Reformadas, pregam que, depois que Adão e Eva foram expulsos do paraíso, o homem perdeu a sua liberdade de escolha.

Graças à queda de Adão, todo homem vem ao mundo já como um pecador. *Dessa forma, o homem natural é livre apenas para escolher o mal. Ele é escravo do pecado, incapaz de fazer o bem espiritual e inclinar-se na direção de Deus. A menos que o Espírito Santo opere a regeneração no pecador, ele jamais poderá desejar e amar as coisas de Deus.*

Vamos analisar essa teoria:

- Por causa do erro de Adão e Eva, a humanidade inteira nasceu e ainda nasce fadada ao erro. Em outras palavras, Deus estaria punindo os filhos pelo erro dos pais;
- Se nós somos criados por Deus e já nascemos contaminados pelo pecado, então é Deus que está nos criando como pecadores. Isso significa que o mal que existe em nós provém de Deus;
- Se o homem é livre apenas para escolher o mal e nunca o bem, então qual a razão de condená-lo por não fazer o bem?
- Se somente o Espírito Santo pode operar a transformação do homem mau no bom homem, por que uns são salvos e outros são deixados a permanecer no pecado? Qual o critério do Espírito Santo para escolher seus eleitos?

Esse pensamento é completamente contrário à ideia de um Deus Soberanamente Justo e Bom. Obviamente não podemos aceitá-la.

Outro ponto onde há um choque enorme entre a Doutrina Espírita e várias religiões espiritualistas é o dogma das penas eternas.

Um dogma é um ponto fundamental de uma doutrina religiosa, apresentado como certo e indiscutível.

É algo do tipo "Aceite essa ideia como verdade, sem questionamentos, mesmo que você não concorde com ela".

De acordo com o dogma das penas eternas, uma vez decidido o destino da alma após a morte - seja o céu, seja o inferno - é lá que alma ficará por toda a eternidade. Nada, absolutamente nada, pode reverter essa situação.

Como bons espíritas, fazendo uso da nossa fé raciocinada, vamos analisar esse dogma porque ele apresenta algumas incoerências.

1. Deus seria um pai desprovido de misericórdia porque ele se manteria insensível ao sofrimento, às lágrimas e até mesmo ao arrependimento das almas encarceradas no inferno. Deus seria incapaz de perdoar. E não podemos conceber Deus como um Pai incontente;
2. Quase todos nós conhecemos famílias onde a maioria das pessoas tem uma vida reta, digna e honesta. Mas um membro daquela família, a despeito de ter tido os melhores exemplos, enveredou pelos caminhos do mal. Vamos supor que essa ovelha negra seja um filho que tornou-se um assassino, um traficante de drogas enfim, um criminoso.

Chegará o dia em que toda essa família terá atravessado a porta do túmulo e cada membro será julgado pelas suas ações. Obviamente que aquele filho desgarrado será condenado ao inferno enquanto o resto da família irá para o paraíso.

De acordo com o dogma das penas eternas, só há duas possibilidades:

- Os pais e demais integrantes da família aceitam friamente o destino membro que se perdeu e simplesmente não sofrem por ele. Isso implicaria na completa negação do amor;
- Aquela família inteira será eternamente. O filho, porque já se encontra no inferno e os demais membros, ainda que estejam no paraíso, irão chorar pela separação irremediável daquele ente querido.

Qualquer uma das possibilidades nos mostra um Deus inflexível e indiferente à dor dos próprios filhos. E não podemos conceber Deus como um Pai cruel;

3. Se o ser humano tem uma única vida para definir seu futuro após a morte, por que Deus coloca no mundo algumas pessoas com todas as condições para ganharem o paraíso e outras para serem condenadas ao inferno?

Alguns de nós que estamos aqui hoje temos filhos pequenos que estão agora lá na evangelização infantil. E também nesse exato momento, há crianças famintas e desamparadas nas ruas. Outras estão em ambientes rodeadas pelos vícios, pelo crime e todo tipo de violência.

Pergunto: quais crianças têm mais chances de se tornarem pessoas de bem? Nossos filhos ou as crianças desamparadas e em constane contato com o mal? É óbvio que são as nossas crianças.

Claro, não temos garantias de que nossos filhos vão seguir nossos passos e tornarem-se pessoas de bem. Elas podem se perder ao longo da vida.

Só que não é esse o ponto da nossa análise. A questão é que Deus estaria colocando no mundo pessoas com todas as condições para irem para o céu e outras praticamente já condenadas ao inferno.

Se nem mesmo um pai humano tem coragem de dar a um de seus filhos tudo e ao outro nada, por que haveria Deus, o Pai supremo, de fazer isso conosco? Seria um ato de extrema injustiça e nós não podemos conceber Deus como um Pai injusto.

Creio que vocês concordam comigo que esses argumentos são mais do que suficientes para provar que o dogma das penas eternas é totalmente incompatível com a ideia de Deus.

Tudo o que falamos até agora nos mostra claramente como NÃO SERÁ nossa vida futura. Mas então o que nos aguarda após a morte física? Seremos felizes ou sofreremos? Onde encontraremos a felicidade ou o sofrimento? Por quanto tempo eles irão durar?

A Doutrina Espírita responde a essas e a muitas outras perguntas através esclarecendo-nos sobre questões que

Vamos falar sobre algumas dessas questões.

Livre Arbítrio

Livre arbítrio nada mais é do que nossa liberdade para escolher os caminhos que iremos seguir ao longo de nossa vida. Porém, junto com essa liberdade vem a responsabilidade por nossas escolhas. Boas escolhas

geram bons frutos, más escolhas geram maus frutos. Aquilo que eu plantar eu irei colher. Justo, não é?

Na Justiça Divina não há seres privilegiados. Todos somos criados por Deus simples e ignorantes, ignorantes no sentido da falta de conhecimento. Começamos todos da estaca zero e nossa evolução espiritual vai sendo construída pelas escolhas que fazemos.

Daí resulta que não evoluímos todos da mesma forma e no mesmo ritmo. Isso explica essa imensa diversidade de caracteres que existem no nosso mundo. Aqui no planeta Terra há seres que vão desde o mais cruel dos criminosos até as pessoas dotadas das mais nobres virtudes.

A Terra é uma escola onde há bons e maus alunos. Estamos aqui para aprender. Somos colocados constantemente em contato com o bem e com o mal e através do livre-arbítrio decidimos qual caminho iremos seguir.

Então quer dizer que o livre-arbítrio me dá a liberdade de eu fazer o que eu bem entender? Não, não é assim. Nosso livre-arbítrio vai até onde Deus permite. Isso significa que, por mais vontade que eu tenha de fazer alguma coisa, se essa coisa não estiver nos desígnios de Deus, eu não conseguirei levar a efeito minha intenção.

Por exemplo: digamos que eu queira tirar a vida de uma pessoa. Se a Justiça Divina entende que a pessoa a quem eu desejo assassinar não deva desencarnar pelas minhas mãos, não importa o que eu planeje ou faça: eu não conseguirei concretizar meu plano infeliz.

Porém, o fato de eu não ter conseguido colocar fim à vida da outra pessoa não significa que não sofrerei as consequências de minha intenção. Claro que serão

consequências menos graves do que a do assassinato em si, mas ainda assim terei que responder pela minha intenção perante a Justiça Divina.

E vejam que interessante: o mal que pretendo praticar contra mim mesmo também pode ser freado pela vontade de Deus.

Exemplo do rapaz aleijado que pensava em cometer suicídio.

A mesma regra se aplica ao desejo de realizar o bem. Pode soar estranho mas o bem que desejamos fazer também pode ser limitado pela vontade divina.

Imaginem que eu conheça uma pessoa em situações materiais paupérrimas. Eu ajudo aquela pessoa sempre que possível mas carrego dentro de mim um desejo ardente de tirá-la definitivamente daquela miséria e traço planos para alcançar esse objetivo.

Mas digamos que esteja nos desígnios de Deus que aquela pessoa passe toda a sua atual existência naquelas condições. Trata-se de um espírito orgulhoso, avarento e egoísta. Renasceu na miséria justamente para aprender a humildade e o desapego material.

Qualquer melhoria nas condições materiais daquele espírito fará com que suas imperfeições venham à tona novamente, podendo colocar a perder o objetivo da existência atual. Então, o bem que eu pretendia fazer por aquela pessoa poderia resultar num grande mal para ela.

Deus não irá permitir que eu altere aquele quadro. E mais uma vez: embora eu não tenha conseguido concretizar meu plano, Deus levará em consideração meu desejo louvável de ajudar aquele irmão.

Reencarnação

A reencarnação é a maior prova da misericórdia divina. Ao contrário do que prega a maioria das religiões ocidentais, nós não nascemos neste mundo uma única vez.

A reencarnação não é um castigo, uma punição. Ao contrário: é uma abençoada oportunidade de recomeçarmos uma nova existência com o objetivo de aprender e crescer espiritualmente.

Deus é justo e misericordioso e nos concede a oportunidade de renascer quantas vezes forem necessárias..

Quando nós desencarnamos, entramos naquele estado que chamamos de erraticidade. É o período em que ficamos no plano espiritual avaliando o que fizemos em nossa última existência e, no momento oportuno, começamos a planejar nossa próxima reencarnação.

Há espíritos responsáveis por elaborar um plano reencarnatório para cada um de nós. Como na erraticidade nós temos uma visão mais clara da vida, conseguimos identificar mais facilmente aquilo que é realmente útil e necessário ao nosso crescimento.

Se formos merecedores podemos participar do planejamento da nossa próxima reencarnação e pedir para renascermos sob determinadas condições.

Então quando nós estivermos passando por aqueles momentos de dificuldade em nossas vidas e reclamarmos dos problemas, é bom lembrar que existe grande chance de que tenhamos sido nós mesmos que escolhemos tal situação.

Somente a reencarnação consegue explicar, sem ferir a Justiça Divina, porque cada um de nós renasce em condições tão distintas.

Aqui na Terra, saúde e doença, riqueza e miséria, doçura e cólera, inteligência e ignorância caminham lado a lado. Não é uma decisão arbitrária de Deus que escolhe quem será feliz e quem não será. É tão somente o resultado da enorme diversidade de conquistas e necessidades de cada um de nós.

Céu e Inferno

Isso prova a indulgência divina.

Encerrar a palestra com o exemplo de Antonio B. do livro O Céu e o Inferno.